CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAULO BRANCO OU A VÃ GLÓRIA DE PRODUZIR
15 de outubro de 2026

LA PLAGE NOIRE / 2001

Um filme de Michel Piccoli

Realização: Michel Piccoli / *Argumento*: Michel Piccoli e Ludivine Clerc, baseado numa narrativa de François Maspéro / *Directora de Fotografia (35 mm, cor)*: Sabine Lancelin / *Cenários*: Isabel Branco, Dorota Ignaczak / *Guarda-Roupa*: Isabel Branco, Catherine Gorne-Achdjian, Malgorzata Gwiazdecka / *Montagem*: Catherine Quesemand / *Som*: Hans Künzi, Jean-Claude Laureux, Brigitte Taillandier / *Interpretação*: Jerzy Radziwilowicz *(A.)*, Jade Fortineau *(Joyce)*, Dominique Blanc *(Sylvie)*, Teresa Budisz-Krzyzanowska *(Emma)*, Ignacy Gogolewski *(Sider)*, José Pinto *(o pescador)*, Roger Gendly *(Gilles)*, Pierre Arbel *(o cônsul)*, Henryk Machalica *(o grande escritor)*.
Produção: Gemini Films / *Cópia*: 35mm, versão original com legendas em português / *Duração*: 114 minutos / *Estreia Mundial:* Festival de Cannes, Maio de 2001 / *Inédito comercialmente em Portugal*.

****

Além do caso específico dos grandes cómicos, de Chaplin a Jerry Lewis, que são os verdadeiros realizadores da maioria dos seus filmes, não é raro que os actores passem à realização. John Wayne, Marlon Brando, Jeanne Moreau, Gérard Depardieu e, por interposta pessoa, Isabelle Adjani, são apenas alguns exemplos. O nível de ambição destes filmes é variável. Wayne e Brando não fizeram mais que repetir as convenções do cinema em que trabalhavam (com o resultado rotineiro de um funcionário, no caso de Wayne), Jeanne Moreau teve de imediato outras ambições. O interesse de ver um filme realizado por um actor reside precisamente naquilo que pode distinguir o seu trabalho do de um director profissional. As qualidades e defeitos destes filmes vêm do frescor do enfoque de alguém que tem algo a dizer, mas não que precisa provar nada. Este é exactamente o caso de Michel Piccoli como realizador. Não imita absolutamente ninguém, obtém resultados que nada têm de amadores e, sobretudo, escapa às convenções. Além disso, os três filmes que realizou até agora como realizador (**Alors, Voilà**, **La Plage Noire** e **Ce n'est pas Tout à Fait la Vie que J'avais Rêvé**) são totalmente diferentes entre si. Dos três, **La Plage Noire** é o menos original e ao mesmo tempo aquele em que parece maior a sua ambição de realizador, a sua vontade de demonstrar que é capaz de dominar a adaptação de um ambicioso texto literário, que é uma parábola política, situada num espaço e num tempo indefinidos. Por isso mesmo, embora Piccoli tenha vencido em grande parte a sua aposta e o desafio que se deu, o filme é menos pessoal que **Alors, Voilà** e **Ce n'est pas Tout à Fait la Vie que J'avais Rêvé**, este último talvez o melhor dos três que realizou, com um toque de fantasia que só os cineastas já idosos e à margem do sistema podem alcançar.

La Plage Noire é uma parábola política, situado num país indefinido e imaginário, embora seja fácil perceber que se trata de um país europeu, que vive sob um regime comunista (Maspéro, o autor do livro, afirma ter pensado na Roménia dos Ceaucescu). Parábolas políticas situadas em países sem nome e num tempo indefinido não são raras no cinema. Foram mesmo bastante frequentes em países que viviam sob graus diversos de tirania, como os da América Latina, a Espanha de Franco e, justamente, os países daquilo que por comodidade se chamava a Europa do Leste. Como nada era dito com clareza nestes filmes (que não cobriam a totalidade da produção dos países mencionados), a censura, vendo sentidos ocultos naquilo que era ambíguo, muitas vezes cortava cenas, por precaução. E os espectadores podiam ver sentidos

cifrados em cenas banais. O grau de inteligibilidade destes filmes é variado e, nos melhores casos, não podem ser vistos de modo linear. Não são necessariamente abstractos, podem ser bastante concretos, como **Faca na Água**, de Polanski, nem necessariamente sinistros, podem ser alegres, esfuziantes, como **Jovens e Atrevidas**, de Vera Chytilová.

Em **La Plage Noire**, Michel Piccoli aborda este tipo de cinema, com a diferença de que o realizou num contexto de liberdade, em que a parábola, a palavra disfarçada, não eram uma necessidade. Mas é precisamente nisso que reside o sentido do filme, nesta vontade deliberada de situar o que é dito e mostrado num plano não prosaico, porém sem cair no completo irrealismo. Trata-se de um pesadelo mental, interior e não exterior. Todos os comentadores do filme observaram que o protagonista não tem nome, como um personagem de Kafka é designado por uma inicial, A. Ora, muitos dos pesadelos narrados por Kafka põem o protagonista às voltas com uma (ir)realidade labiríntica e tentacular, que ele jamais poderá dominar e vencer e da qual nunca poderá fugir. Nunca se deixa a condição de insecto para voltar à de homem, nunca se entra no castelo, o processo nunca começa nem chega ao fim. Do mesmo modo, em **La Plage Noire**, náufrago da História, A. não conseguirá partir para a França e o filme termina com uma elipse sinistra, um texto escrito: *"No instante seguinte, ouviu-se o grito de Joyce"*. Mas se **La Plage Noire** tem elementos kafkaianos, não penetra nunca por completo no território do abstracto, ao qual o cinema se presta tão mal, por ser muito definido e concreto. O protagonista e o país onde tem lugar a acção podem não ter nome, cada um pode especular sobre o que são os *shokors* a que são feitas alusões no diálogo (uma minoria étnica, dissidentes políticos, etc.), mas o filme tem definição temporal e espacial. O tempo é o de uma espera, não uma espera infinita, mas uma espera burocrática, definível em meses ou semanas. Também os espaços são definidos e limitam-se basicamente a três: o apartamento da sequência inicial; a casa na "praia negra" do título e aquilo que a cerca; a embaixada francesa na capital (com espaços anexos, o *hall* do hotel, a repartição policial). A cada um destes espaços corresponde um período temporal: o presente, no apartamento; o passado, na casa da praia; e a esperança no futuro, na embaixada. O protagonista, que pensa que vai partir para a França, despede-se dos amigos, vai esperar o visto de saída na casa em que passou parte da infância e da mocidade. Esta praia (a aldeia portuguesa onde foi filmada surge num *raccord* excessivamente violento com a luz soturna, setentrional, das cenas precedentes) tem evidentemente um sentido simbólico, a começar pelo seu nome, a *praia negra*. O mar, fim da terra, é um espaço intransponível, onde acabam por chegar o protagonista e a sua filha, *"como destroços carregados pela História"* (Nicolas Azalbert). E nesta praia, há a casa que é depositária da memória (um armário, uma estante com livros), que materializa todo o jogo entre o que é presente e o que está ausente, que está no âmago do filme. Talvez por prosaicas razões de produção (o filme é uma co-produção, com elementos franceses, portugueses, suíços e polacos), Piccoli, realizador novato e experiente actor, reuniu actores de diversas nacionalidades, todos a falar francês. Nem todos dominam suficientemente a língua, a tal ponto que aquilo que Ignacy Gogolewski diz em francês é legendado em francês. Mas pode-se pensar que esta escolha foi, pelo menos em parte, deliberada, de modo a tornar mais universal o que é narrado. E o que é narrado neste filme grave, é uma bela história sobre a fidelidade a si mesmo e às ideias, fidelidade que permite *"resistir ao mundo"*, fidelidade cuja *"essência é continuar a tornar presente a ausência"* (Azalbert).

Antonio Rodrigues

Texto originalmente escrito em 2007 (Ciclo "Homenagem a Michel Piccoli").